

Entre o apagamento e a superação: a deficiência como chave de leitura da trajetória e do legado de José Carlos Mariátegui

**Between Erasure and Overcoming: Disability as a Key to
Understanding the Trajectory and Legacy of José Carlos Mariátegui**

Benito Bisso Schmidt*

Resenha do livro: DRINOT, Paulo. *José Carlos Mariátegui o el «cojito genial»: Historia y discapacidad en el Perú*. Lima: Planeta, 2023.

Palavras-chave: História social da deficiência; trajetória de Mariátegui; marxismo e América Latina.

Keywords: Social History of Disability; Mariátegui's Trajectory; Marxism and Latin America.

O PERUANO José Carlos Mariátegui (1894-1930) é um dos personagens mais conhecidos da esquerda da América Latina, em especial devido a sua obra *Sete ensaios de interpretação da realidade peruana*, de 1928, na qual apresentou uma análise da história de seu país a partir da perspectiva do marxismo. Para o sociólogo Michael Löwy, Mariátegui é não apenas “o mais importante e mais inventivo dos marxistas latino-americanos”, mas também “um pensador cujo trabalho, com seu poder e originalidade, tem um significado universal” (Löwy, 1998, p. 76)¹.

A curta vida de Mariátegui, marcada por uma prolífica militância intelectual e política, inspirou várias biografias, em geral de cunho laudatório. Suas obras foram examinadas por diversos pensadores, oriundos de múltiplas áreas do conhecimento, em estudos que normalmente exaltaram sua originalidade e refinamento analítico, postulando-as como

* Doutor em História Social do Trabalho pela Universidade Estadual de Campinas – Unicamp. Professor do Departamento e do Programa de Pós-Graduação em História da UFRGS. E-mail: benitobs@terra.com.br. Orcid: <https://orcid.org/0000-0003-3931-2389>.

1 As traduções apresentadas nesta resenha, salvo menção ao contrário, são de minha responsabilidade.

canônicas do marxismo latino-americano. Porém, praticamente todos estes estudos “esqueceram”, ou “lembaram” de modo muito pontual que as ideias de Mariátegui também tinham uma materialidade muito concreta: seu corpo, e que esse, para usarmos uma linguagem atual, era o corpo de uma pessoa com deficiência (ele teve que amputar uma perna). É justamente desde essa perspectiva que Paulo Drinot, professor de História da América Latina da University College London, e especialista em história peruana no século XX (em temas como história do trabalho, racismo e exclusão, gênero e sexualidade, história social da medicina, e memória e historiografia), aborda a vida, o pensamento e a militância de Mariátegui, bem como as memórias construídas sobre ele, oferecendo uma abordagem bastante original de sua trajetória e legado.² O título da obra já é uma provocação e emblema do que virá em suas páginas: Mariátegui foi chamado de “cojito genial” (algo como um “coxinho” genial) por amigos e correligionários, durante a sua vida e após a sua morte, como um elogio, de forma a marcar, por um lado, a sua deficiência e, por outro, a “superação” dessa pela sua genialidade intelectual e política.

Fortemente alicerçado nos chamados “estudos da deficiência”, bastante desenvolvidos sobretudo nos países anglo-saxônicos, mas ainda pouco apropriados pela historiografia latino-americana, incluindo a brasileira, Paulo Drinot mostra que, “ao analisar a figura de Mariátegui desde a história da deficiência, obtemos novas interpretações sobre o personagem e suas decisões”. Importante enfatizar aqui que, pensar a história da deficiência é postular que a deficiência tem uma história, ou seja, que a partição entre corpos sem e com deficiência não é natural nem universal, mas sim variável ao longo do tempo e em interação dinâmica com outros marcadores sociais da diferença como classe e gênero (o que Drinot leva em conta na sua análise). Portanto, a experiência de Mariátegui se realiza em um momento específico da história da deficiência no Peru, marcada por uma crescente medicalização. Contudo, como evidencia o autor, uma história da deficiência no país andino “ainda está por ser escrita” (p. 14), lacuna essa que, em alguns momentos do livro, dificulta a contextualização do “caso Mariátegui” em um campo de possibilidades mais amplo. De qualquer modo, a obra é uma excelente contribuição para o avanço desse campo de estudos não só no Peru, mas em toda a América Latina, em especial no que tange à maneira como a deficiência foi (e continua, muitas vezes, sendo) tratada socialmente.

Com base em uma ampla pesquisa de fontes – em especial fotografias e correspondências do acervo privado de Mariátegui, mas também outras imagens e

² Ver: <https://www.ucl.ac.uk/americanas/professor-paulo-drinot>. Acesso em: 9 out. 2024.

Cabe dizer que o livro aqui resenhado integra um projeto mais amplo ainda em andamento do autor de construir uma biografia de Mariátegui. Drinot, em resenha crítica de três biografias de líderes operários latino-americanos, afirmou sobre os autores dessas obras: “Todos os três seguem um padrão reconhecível de historiadores que se voltam para a biografia mais tarde em suas carreiras, aproveitando sua vasta experiência para contextualizar adequadamente as vidas que estudam” (Drinot, 2023, p. 3). Guardadas as diferenças etárias, este também parece ser o caso de Drinot: um especialista em história peruana que, em um estágio mais avançado de sua trajetória acadêmica, resolveu se voltar a um personagem individual capaz de iluminar um contexto mais amplo.

depoimentos de seus amigos, companheiros políticos, admiradores e desafetos publicados em livros e na imprensa –, Drinot divide seu livro em duas partes: na primeira, analisa como foi apresentada publicamente a deficiência do militante e intelectual peruano em textos e imagens, inclusive por ele mesmo; e, na segunda, trata da experiência do personagem como pessoa com deficiência.

É notável a análise, ao mesmo tempo extensiva e aprofundada, que Drinot faz das imagens de Mariátegui, como fotografias, caricaturas e monumentos, produzidas ao longo de sua vida ou depois de seu falecimento, que enquadram uma memória do líder marxista para a posteridade. Nela, a deficiência ou é ocultada, por ser pensada como incompatível com as ações de uma liderança da classe operária (e de um homem pleno), ou a ela se confere um sentido: o da capacidade de superação dos obstáculos. Dessa forma, a deficiência é afastada “da ideia dominante que a associa à vulnerabilidade e à marginalidade” (p. 15). A respeito das imagens de Mariátegui, Drinot conclui: “Diferentemente da maioria das pessoas com deficiência, [o líder andino] conseguiu controlar a sua imagem [...] impondo, sobretudo, uma imagem de *pater família* e de figura intelectual” (p. 30).

Sobre as representações textuais da deficiência de Mariátegui, presentes em correspondências, depoimentos e textos publicados em jornais, embora alguns desafetos tenham se valido dessa característica para atacá-lo e ridicularizá-lo, a maioria, como no caso das imagens visuais, a associa a um movimento de superação e, por vezes, como condição de sua genialidade (algo como o que significou a surdez de Beethoven para a sua música).

Drinot associa todas essas representações presentes em imagens e textos com a ideia do “supercrip”, bastante discutida no campo dos estudos da deficiência. Essa corresponde às “[...] representações das pessoas com deficiência que enfatizam a superação, a inspiração e a excepcionalidade” (p. 36). Desde esse enfoque, Mariátegui foi representado como uma pessoa com deficiência “digna”, por ser produtiva e contribuir com a sociedade.

Na segunda parte do livro, o autor trata da experiência da deficiência de Mariátegui na relação com sua trajetória política e intelectual. Inicialmente, conforme já ressaltado, enfatiza como a vivência desse personagem se diferenciou daquela da maior parte das pessoas com deficiência no Peru de então, marcada pela pobreza e marginalização, já que ele contava com redes de apoio que lhe permitiam acesso a médicos renomados e, também, a recursos econômicos e suportes afetivos. Isso, porém, não impediu que ele vivenciasse obstáculos associados a essa condição, como a dificuldade para responder seus correspondentes e de escrever suas análises no tempo que julgava adequado.

Uma seção final do livro trata do projeto de Mariátegui de se mudar para Buenos Aires a fim de encontrar um tratamento mais adequado para a sua deficiência, sobretudo com a aquisição de uma prótese que pudesse lhe ajudar a se movimentar. Segundo algumas interpretações presentes nos estudos da deficiência, a reabilitação (com o uso de

próteses, por exemplo) corresponderia a uma “morte social” das pessoas com deficiência, contribuindo para a sua invisibilização. Drinot não nega essa possibilidade, mas, seguindo as ideias de Catherine Kudlick, mostra como, em alguns casos, como no de Mariátegui, “[...] as pessoas com deficiência ‘desafiam estas classificações [da Medicina], introduzindo muitas vezes não só uma interpretação diferente, se não também uma alternativa sobre como se encaixam na história” (p. 56). O projeto de Mariátegui acabou não se realizando, pois ele faleceu um pouco antes da mudança para a capital portenha.

Na conclusão, o autor reafirma que, ao contrário da maioria das pessoas com deficiência de sua época, Mariátegui “[...] não sofreu uma discriminação sistemática, vulnerabilidade ou isolamento” (p. 56) como resultado de sua condição física. Também não politizou a sua deficiência tratando-a como um problema individual e não social. Poderíamos alegar que demandar tal politização seria anacrônico para sua época, mas Drinot mostra que alguns dos contemporâneos do líder de esquerda peruano tinham essa visão da deficiência como problema social; portanto, essa era uma possibilidade em seu contexto. A experiência da deficiência de Mariátegui e as representações construídas sobre ela estiveram mais próximas do “modelo médico”, então hegemônico (e ainda hoje, apesar de muito mais tensionado) “que a concebe como uma patologia que requer cura e superação”. Talvez por isso, ressalta o autor desse precioso livro, “a figura do ‘cojito genial’ teve tanto êxito no imaginário da sua época”. Afinal, “[...] esta representação utilizava a deficiência de Mariátegui como a origem e o fator detonante de sua genialidade intelectual, e, de maneira mais geral, como elemento central de uma narrativa de superação heroica” (p. 56).

O pequeno livro de Drinot atinge com muita sofisticação o objetivo a que se propôs: apresentar, a partir da perspectiva da deficiência, uma nova interpretação da vida de Mariátegui e das representações que o tomam como referente. Com isso, coloca centralidade no corpo do personagem, materialidade essa tão esquecida por muitos estudos que se reivindicam, justamente, do âmbito do materialismo histórico. Chamo a atenção para o que considero um dos pontos altos do livro: a operacionalização de uma análise efetivamente interseccional, que entrecruza diversos marcadores sociais da diferença para explicar as experiências de Mariátegui. Drinot consegue mostrar como, por exemplo, deficiência (aqui com mais ênfase, já que se trata da questão-chave da obra), gênero (como afirmação da masculinidade) e classe se articularam para determinar as possibilidades e limites tanto das ações do líder peruano quanto dos enquadramentos de memórias elaboradas sobre ele. Já a questão racial/étnica mereceu pouca atenção do historiador, fato algo surpreendente quando se aborda um personagem que, embora lido socialmente como branco em seu contexto, enfatizou sobremaneira o papel dos indígenas como alicerces da nacionalidade peruana e atribuiu às comunidades de povos originários um papel determinante na construção da via latino-americana ao socialismo.

Pessoalmente, senti falta de uma maior exposição do autor no texto, de suas motivações pessoais para escrever a obra, da presença ou ausência de uma vinculação afetiva ou ideológica com o legado de Mariátegui e/ou com a questão da deficiência. Em estudos que tomam por foco personagens individuais, gosto de ter pistas desse relacionamento entre biógrafo e biografado, não apenas por uma questão de estilo, mas também porque acredito que essa explicitação nos ajuda a compreender melhor a construção dos argumentos e das análises. Gostaria de saber, por exemplo, como se estabeleceu a relação entre Paulo, um peruano compreendido como “não deficiente” na sociedade contemporânea, e Mariátegui, um peruano compreendido como uma pessoa com deficiência nas primeiras décadas do século XX. Sobre isso, nada encontramos nas páginas de *José Carlos Mariátegui o el «cojito genial»: Historia y discapacidad en el Perú*.

Tal ausência, contudo, não tira o brilho do livro, que tem grande potencial de incentivar uma maior utilização do marcador da deficiência nos estudos históricos brasileiros, inclusive naqueles referentes aos mundos do trabalho, além de presentear leitores e leitoras com uma narrativa ao mesmo tempo acessível e densa.

Recebido em: 29/09/2024

Aprovado em: 27/02/2025